

FREDERICO MAZZUCHELLI

Os anos de chumbo      FREDERICO MAZZUCHELLI

# Os anos de chumbo

Economia e política internacional  
no entreguerras

ISBN 978-85-7139-963-1



9 788571 399631

**O MUNDO EM CHAMAS: NOTAS SOBRE O  
IMPACTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**AS MARCAS DA VIOLÊNCIA**

Talvez seja impossível conhecer a verdadeira dimensão humana dos horrores experimentados em uma guerra. Essa impossibilidade é particularmente verdadeira para a Segunda Guerra Mundial, seguramente a experiência mais terrível da humanidade. Como avaliar e descrever, por exemplo, as atrocidades cometidas na Europa do Leste, na URSS ou na Alemanha? A Polônia perdeu cerca de um quinto de sua população anterior à guerra.<sup>315</sup> Em sua cruzada racial, os nazistas eliminaram cerca de cinco milhões e setecentos mil judeus e duzentos e vinte mil ciganos. Dos judeus libertados dos campos de concentração em 1945, quatro em cada dez não conseguiram sobreviver. A URSS perdeu mais de vinte milhões de habitantes, entre os quais cerca de dezesseis milhões civis. Dos cinco milhões e quinhentos mil de soldados soviéticos capturados pelos alemães, aproximadamente três milhões e trezentos mil morreram nos campos de prisioneiros. Dos setecentos e cinquenta mil aprisionados pelos nazistas em Kiev, apenas vinte e dois mil sobreviveram. Nos novecentos dias do cerco de Leningrado, os russos perderam cerca de um milhão de compatriotas. A batalha de Stalingrado vitimou outro milhão de combatentes russos. De sua parte, o avanço do Exército Vermelho rumo a oeste foi devastador: sedentos de vingança,

---

<sup>315</sup> As informações que se seguem baseiam-se, extensivamente, em Judt (2005: 33-63).

ça e brutalizados, os soldados soviéticos aniquilaram populações inteiras suspeitas de terem colaborado com os nazistas. Estima-se que um milhão de alemães, em sua fuga desesperada das tropas russas, tenha morrido no início de 1945. Os saques, execuções sumárias e estupros cometidos pelas forças soviéticas tornaram-se frequentes: apenas em Viena oitenta e sete mil mulheres foram violadas. Em 1945-46 nasceram cerca de duzentos mil "bebês russos" na zona alemã ocupada pelos soviéticos.

Cidades inteiras, como Minsk, Kiev ou Varsóvia, foram destruídas pelos nazistas. Em escala ainda maior, os ataques aéreos desferidos por americanos e ingleses reduziram Hamburgo, Colônia, Dusseldorf, Dresden e várias outras cidades alemãs a pó. Em maio de 1945, três quartas partes dos edifícios de Berlim estavam inutilizadas. As imagens das bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki ainda hoje estremecem a humanidade. Ao final da guerra, vinte e cinco milhões de russos e vinte milhões de alemães haviam perdido seus lares. Apenas em Berlim, em fins de 1945, havia cinquenta e três mil crianças perdidas. Terminado o conflito, havia sessenta mil crianças órfãs na Holanda, duzentas mil na Polônia e trezentas mil na Iugoslávia.

Os combates militares, os bombardeios, as execuções, o extermínio de povos, a fome, as doenças, os campos de concentração, os trabalhos forçados, as fugas e os deslocamentos resultaram na morte de cerca de trinta e sete milhões de pessoas, tão somente na Europa. Se a esses números assombrosos se somarem as mortes na China e no Japão, não é improvável que se alcance a cifra escandalosa de cerca de cinquenta milhões de pessoas mortas em decorrência do conflito mundial.<sup>316</sup> Além da URSS, também na Hungria, Polônia, Iugoslávia, Grécia, França, Holanda, Bélgica e Noruega as perdas civis superaram as perdas militares. As transferências de populações, em resultado da guerra, atingiram proporções gigantescas: entre 1939 e 1943, na Europa, mais de trinta milhões de pessoas foram deportadas, deslocadas ou dispersas. Em fins de 1944, na Alemanha, havia cerca de sete milhões e quinhentos mil trabalhadores estrangeiros (mais de 20% da força de trabalho do país), a esmagadora maioria instalada ali à força.

A desorganização da vida assumiu tamanha proporção que, mesmo alguns anos após o final das hostilidades, centenas de milhares de homens, mulheres e crianças ainda vagavam perdidos, desgarrados de seus locais de origem. A angústia dos sobreviventes, as sequelas dos feridos, a destruição

316. Milward (1986: 247-8); Vizentini (1988: 117); Keegan (1989: 590-1); Artola (1995: 151-2); Stokesbury (2001: 378-80); Judt (2005: 38-9).

das famílias e o trauma da violência deixaram marcas dolorosas. Marcas que dificilmente se esvaíam com o tempo. O registro das imagens e o depoimento dos que viveram a Segunda Guerra são atordoantes. Era impossível que os homens se libertassem de uma experiência tão terrível. Como apagar da memória, por exemplo, a cena de uma aldeia das ilhas do Pacífico se atirando de um precipício com o pequeno filho, sob o olhar atônito de um soldado americano? Como esquecer a expressão aturdida de homens, mulheres e crianças esqualidos, com suas cabeças raspadas, sendo libertados dos campos de concentração nazistas? Como não reter a lembrança das pilhas de cadáveres amontoados nas cidades, abandonados nos campos, empilhados nas estradas, espalhados nas praias ou despejados nas valas? Como não lembrar dos enforcamentos públicos, com os corpos de inimigos reais ou imaginários expostos por dias com propósitos pedagógicos? Como se desvencilhar do medo cravado nas almas diante da ameaça aterrorizante dos ataques aéreos? Como superar, em suma, a banalização da violência por tantos anos a fio?

As mazelas da guerra, em verdade, prosseguiram mesmo após o seu fim: os pogroms na Polônia, a repatriação forçada de antigos prisioneiros (sobretudo soviéticos), a transferência em massa (treze milhões) de populações da Europa do Leste para a Alemanha, as perseguições a presumidos colaboradores dos nazistas, a perda de propriedades, a angústia, as privações e as doenças conformavam um cenário sombrio. A rigor, nem mesmo a rendição dos alemães e japoneses impediu que a guerra continuasse na Grécia, China, Indonésia e Indochina.<sup>317</sup> Jamais a humanidade houvera passado por tamanha convulsão. Nem mesmo a brutalidade do conflito mundial de 1914-18 teve um efeito tão devastador.

É essencial destacar, contudo, que os efeitos da Segunda Guerra Mundial foram rigorosamente diferenciados entre os países. *Os contornos mais insólitos e absurdos do terror humano se concentraram na Europa Central e do Leste, nos Bálcãs, no Japão e na China.* Ao invadir a Rússia, Hitler precipitou a maior carnificina da história humana. Apenas a URSS, como já referido, perdeu mais de vinte milhões de habitantes. A ferocida-

317. Os movimentos de libertação nacional (muitos deles de inspiração comunista) se valeram da fragilidade das nações derrotadas e da exaustão das nações vitoriosas para levar adiante seus objetivos estratégicos. Os casos mais notáveis foram os do Vietnã e da China. Em setembro de 1945, Ho Chi Minh proclamou a independência de seu país. A reação francesa precipitou um conflito sangrento, que iria se estender até 1954. Na China, as lutas entre as tropas leais a Mao Tsé-Tung e a Chiang Kai-Chek se intensificaram após a derrota dos invasores japoneses, culminando com a conquista da China Continental pelos comunistas em 1949.

de dos combates na frente oriental, o desdém dos nazistas pelos eslavos e a violência esmagadora do contra-ataque soviético envolveram as nações situadas ao leste e sudeste da Alemanha: a Polônia perdeu cerca de seis milhões de concidadãos e a Iugoslávia aproximadamente um milhão e quinhentos mil. Na Romênia, Grécia, Hungria, Áustria e Tchecoslováquia, as perdas humanas totalizaram mais de dois milhões de habitantes. Na Alemanha, a demência nazista custou a vida de seis milhões de pessoas. Da mesma forma, o avanço do Japão sobre a China deixou um rastro sinistro de destruição: as estimativas referentes à China são precárias, mas indicam a possibilidade da ocorrência de mais de cinco milhões de mortes (chega-se a mencionar um número próximo a dez milhões!). Ao se lançar à conquista do Sudeste Asiático e atacar Pearl Harbor, o General Tojo definitivamente selou o destino de seus compatriotas: o Japão terminou a guerra com cerca de três milhões de mortos.

Já na Europa Ocidental o quadro foi distinto: a ocupação nazista da França, Bélgica, Holanda, Dinamarca e Noruega, sem dúvida, resultou em um número elevadíssimo de mortes e humilhações de toda sorte. Mas a facilidade da ocupação e o fato de não se tratar de populações eslavas, configuraram um curso distinto aos acontecimentos: os europeus ocidentais, nas palavras de Judt (2005: 62), "a menos que fossem judeus, comunistas ou resistentes não foram, em geral, incomodados".<sup>318</sup> A França perdeu cerca de seiscentos mil habitantes, em sua maioria civis. Trata-se de um número assombroso, mas ainda assim inferior ao milhão e quatrocentos mil franceses que morreram no curso da Primeira Guerra Mundial. Do mesmo modo, os trezentos e cinquenta mil ingleses (em sua maior parte, militares) que perderam suas vidas na luta contra o nazismo representam um pouco mais de um terço daqueles que morreram na guerra de 1914-18. As aventuras de Mussolini, de sua parte, resultaram na perda de quatrocentos e cinquenta mil italianos, cifra também inferior à observada na Primeira Guerra, quando apenas as mortes militares superaram setecentos mil homens. Os EUA, por fim, perderam trezentos mil combatentes, cerca de metade das mortes sofridas durante o fratricídio da Guerra de Secessão.

Em comparação, a soma das mortes sofridas pelos franceses, ingleses, italianos, holandeses, belgas, noruegueses e dinamarqueses *ao longo de toda a guerra* foi inferior ao número de russos que tomaram *apenas nas*

318. "Os verdadeiros horrores da guerra foram vividos a leste. Os nazis trataram os europeus ocidentais com algum respeito, embora para os explorar melhor (...). Na Europa do Leste e do Sudeste, os ocupantes alemães foram impiedosos (...)." Judt (2005: 37).

*sangrentas batalhas de Stalingrado e Leningrado*. Dessa forma, se a escala das atrocidades da Segunda Guerra Mundial for medida pelo número de mortes, observa-se um claro descompasso entre a extensão da tragédia vivida na Europa Ocidental e a magnitude do massacre que se presenciou no restante do continente e na Ásia.

O que resultou de tamanha devastação? Certamente ela não representou o fim violência, o que seria impensável face à natureza ilimitada da estupidez humana. Não foi com o final da Segunda Guerra — e não será jamais! — que a humanidade viria abraçar a utopia da "*war to end all wars*". As guerras, invasões, intervenções, golpes, atentados, insurreições, levantes armados, torturas, assassinatos, execuções, perseguições, ações terroristas, ataques à população civil e até mesmo o genocídio continuaram a fazer parte do cenário mundial após 1945. A violência, contudo, passou a ser localizada e contida geograficamente. O que a conflagração mundial demonstrou, sobretudo após a evidência do potencial destrutivo dos artefatos nucleares, é que um novo conflito *que envolvesse o conjunto das nações* seria seguramente o último. Entre a Guerra Franco-Prussiana e a Primeira Guerra Mundial, o desenvolvimento da tecnologia militar permitiu, pela primeira vez na história, a matança rápida e fulminante de milhões de pessoas. O aprimoramento dessa tecnologia na luta entre os Aliados e o Eixo ampliou exponencialmente a letalidade das armas, o que resultou em um número de vítimas cinco a seis vezes superior às do primeiro conflito mundial. Ao final da Segunda Guerra, era a própria sobrevivência da humanidade que estava em questão: em agosto de 1949, a URSS passou a deter a bomba atômica, colocando-se em pé de igualdade com os EUA. O desenvolvimento das armas nucleares, contudo, foi antes um instrumento de intimidação e negociação do que uma ameaça real à humanidade. A Guerra Fria resultou, em verdade, no acordo tácito entre as duas superpotências de que caberia a elas o monopólio da violência. Afastada a possibilidade de um confronto militar *entre* as duas grandes forças mundiais, a violência se concentrou na defesa, preservação e eventual expansão das respectivas zonas de influência. Tanto os EUA como a URSS reiteradas vezes fizeram uso da superioridade militar e recorreram à força e à brutalidade para reafirmar sua autoridade nas áreas de interesse recíproco (Alemanha Oriental, Coreia, Hungria, Tchecoslováquia, Vietnã etc.). Seguramente houve momentos de agravamento das tensões, de acusações violentas e de exacerbação dos nervos entre as duas superpotências. Mas é insensato supor que algum dos lados estivesse efetivamente disposto à guerra com o rival. Havia um consenso implícito

(senão explícito!) de que as esferas de influência estabelecidas entre 1943 e 1945 deveriam ser respeitadas. Certamente restaram pontos a ser definidos e questões a ser enfrentadas (a começar com o próprio destino que deveria ser reservado à Alemanha no pós-guerra). Mas não há dúvida de que a Segunda Guerra redundou na cristalização e reconhecimento da divisão do mundo em dois grandes blocos de nações, sujeitos à tutela e liderança de cada um dos superpoderes. A possibilidade de um confronto militar entre esses poderes nunca foi real. Na avaliação de Hobsbawm (1995: 224; 227), "a peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de [uma nova] guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados (...), os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial (...). [Ambos] usaram a ameaça nuclear, quase com certeza sem intenção de cumpri-la (...)". Nesse sentido, os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial tiveram uma implicação importante: de um lado, a concentração da força militar nas duas superpotências condicionou o exercício da violência à lógica de poder dos EUA e da URSS. Foi no interior desse marco geral de referência que a violência passou a ser concebida, executada e até mesmo contida.<sup>319</sup> De outra parte, o potencial destrutivo das armas nucleares forjou a percepção realista de que a Segunda Guerra representou, de fato, o último confronto *global* da humanidade.

#### DIMENSÕES ECONÔMICAS GERAIS

A guerra introduziu modificações cruciais na vida econômica das nações. A desestruturação do comércio internacional, o direcionamento do esforço produtivo para a indústria bélica, a realocação da força de trabalho, a incorporação crescente de homens aos quadros das Forças Armadas, a utilização extensiva de mulheres no processo de produção, o contingenciamento do uso das matérias-primas, a tensão sobre a capacidade produtiva instalada, as restrições ao consumo, o aumento da tributação, do déficit e da dívida

319. Hobsbawm (2007: 30-5; 44-5; 57; 87-8) lembra que a violência armada e os massacres se intensificaram no mundo após o final da Guerra Fria. Em suas palavras, "a dissolução da União Soviética significa que o sistema de grandes potências, (...) que, com óbvias exceções, exerceu algum controle sobre os conflitos internacionais, já não existe. (...) Não é surpreendente que as guerras transfronteiriças e as intervenções armadas tenham aumentado depois do fim da Guerra Fria" (31-2).

pública, o estabelecimento de controles centrais sobre as múltiplas instâncias da atividade econômica, a aceleração da inflação e o esforço permanente de mobilização pontilharam, em maior ou menor grau, a trajetória econômica das nações envolvidas no conflito.

Entretanto, mais importante que apontar os traços comuns, é necessário ressaltar as diferenças e as especificidades das referidas trajetórias, até porque a guerra representou uma radical transformação das condições políticas e econômicas até então prevalentes. Esta discussão contempla duas ordens de considerações: em primeiro lugar, é essencial perceber como *as relações entre a guerra e a economia se alteraram* ao longo do conflito, sobretudo a partir de 1942. Em segundo lugar, é fundamental destacar o *impacto diferenciado* que a guerra produziu sobre a economia das nações, resultando na supremacia mundial incontestável dos EUA ao final das conflagrações.

Em um primeiro momento, as considerações estritamente militares foram mais importantes que os fatores econômicos. Esse período, compreendido — *grosso modo* — entre o início das hostilidades e o final de 1941, correspondeu ao avanço fulminante do Eixo. É certo que, nesse então, as economias alemã e japonesa já estavam nitidamente direcionadas para a guerra: o rearmamento alemão havia se acelerado de modo claro desde 1936 e a mobilização militar no Japão era um fato notório, desde sua escalada sobre a China em 1937. Entretanto, quando da eclosão do conflito mundial em agosto de 1939, o "rearmamento em profundidade" da Alemanha ainda estava longe de ter sido concluído, e o Japão sofria uma restrição que se anunciava cada vez mais severa no provisionamento de matérias-primas essenciais (petróleo, carvão, ferro, bauxita, borracha etc.). Com o desenrolar da guerra os dois países tornaram-se cada vez mais dependentes dos recursos externos obtidos através das conquistas ou da intimidação dos países neutros. Nem a economia alemã nem a economia japonesa, isoladamente consideradas, eram suficientemente fortes para sustentar um esforço continuado de guerra em âmbito mundial. Por mais profunda que fosse a mobilização econômica para a guerra nos dois países (e seguramente o foi, antes mesmo da eclosão das hostilidades), o prolongamento do conflito redundou em uma dependência crescente frente aos recursos materiais e humanos capturados através das conquistas.<sup>320</sup> Como já se observou, no

320. "A indústria de guerra alemã era, em larga medida, dependente de recursos externos. (...) A base exterior mais importante da economia de guerra alemã [estava] (...) na Europa Ocidental" (Abelshauser, 1998: 170). No caso do Japão, o provisionamento das matérias-

final de 1944, mais de um quinto da força de trabalho empregada na Alemanha era composto por trabalhadores estrangeiros ali compulsoriamente instalados. As conquistas tornaram-se, assim, parte integrante da equação econômica do Eixo. As instruções de Hitler, de “conquistar o que se necessita, mas não se possui” (Overy, 2002: 287), ilustram adequadamente essa perspectiva. É verdade que a Inglaterra e a URSS (em menor medida) também dependiam de recursos não disponíveis internamente, mas estes foram obtidos no âmbito de suas alianças (sobretudo com os EUA), e não através das conquistas militares.

O fato é que, em uma primeira etapa do conflito, as duas nações do Eixo (de início a Alemanha e posteriormente o Japão) se lançaram ao ataque contra inimigos economicamente mais fortes, valendo-se de uma superioridade calcada no terreno especificamente militar: “neste primeiro período, as vantagens da estratégia e a capacidade de luta permitiram que a Alemanha e o Japão infligissem marcantes derrotas sobre uma combinação de poderes economicamente superior. A dissimulação e a surpresa estratégica, a rapidez de movimentos, a habilidade na concentração de forças e na seleção dos objetivos, a tradição marcial e o ‘esprit de corps’ estavam todos a seu lado” (Harrison, 1998: 1). As vitórias alcançadas pelo Eixo, nesse período, foram absolutamente expressivas: as conquistas da França, das ricas regiões agrícolas da URSS e das colônias holandesas, francesas e inglesas no Pacífico, em particular, representaram ganhos significativos em termos territoriais, populacionais e econômicos, que alteraram a correlação de forças em seu favor. Segundo as estimativas de Harrison (1998: 7-8), a soma do PIB dos países do Eixo totalizava, em 1938, US\$ 751,3 bilhões (preços de 1990). Entre 1938 e 1942, os ganhos auferidos por suas conquistas alcançaram US\$ 800,7 bilhões, soma equivalente ao PIB dos EUA em 1938.

Ocorre, entretanto, que em dezembro de 1941 os EUA formalmente passaram a participar da guerra. A URSS, de sua parte, resistia heroicamente à investida alemã, tendo logrado transferir sua indústria militar para os Urais e a Sibéria. A Inglaterra, da mesma forma, tendo suportado os bombardeios alemães entre julho e outubro de 1940, ampliava significativamente a produção de aviões e navios de combate. Se é verdade que, no início de 1942,

-primas básicas passou a depender, basicamente, do desempenho de sua Marinha: “O Japão foi reduzido a administrar sua economia de guerra através do controle da capacidade naval necessária à utilização das mercadorias oriundas em sua esfera de influência [definida a partir das conquistas - FM]” (Hara, 1998: 224).

“em face da evolução dos acontecimentos, nenhum homem racional poderia prever o eventual desfecho da guerra” (Overy, 1997: 15), não há dúvida de que o prolongamento do conflito tendia se tornar fatal para o Eixo. Enfrentar o arsenal combinado dos EUA, da URSS e da Inglaterra, com milhões de novos combatentes à sua disposição, era uma tarefa que se anunciava difícil para a Alemanha e o Japão. A surpresa, velocidade e eficácia da *blitzkrieg* e a audácia dos ataques japoneses já haviam produzido seus efeitos. À disposição em resistir dos Aliados somar-se-ia, doravante, uma superioridade quantitativa crescente e um aperfeiçoamento permanente dos armamentos e das técnicas de combate.

1942 foi o ano que marcou a expansão máxima do Eixo: a mancha da ocupação nazista se estendeu, na Europa, da Escandinávia ao Mediterrâneo e da França a uma extensa região da Rússia Ocidental, de Leningrado ao Cáucaso, passando pelas cercanias de Moscou. As áreas sob dominação japonesa, de sua parte, além de vastos territórios da China, incluíam a Birmânia, a Indochina Francesa, as Filipinas, a Malásia, Sumatra, Java, parte da Nova Guiné e uma infinidade de pequenas ilhas a leste de seu território. A ampliação das conquistas do Eixo começou a tropeçar, então, com sérias dificuldades: no Pacífico, a derrota japonesa em Midway (junho de 1942) configurou um *turning point* decisivo no curso dos combates navais. Na frente do Leste, de sua parte, os alemães, desde setembro de 1942, estavam imobilizados em Stalingrado, flagelados pelo inverno, vulneráveis em suas linhas de abastecimento e expostos à resistência tenaz dos soviéticos.

Foi a partir de então que o peso econômico dos Aliados passou a condicionar o rumo dos acontecimentos. No que se refere à capacidade de produção de armamentos, em particular, a desproporção em favor dos Aliados começou a se tornar flagrante. Em 1942, mesmo com as perspectivas de expansão de sua economia limitadas, a Inglaterra já era superior à Alemanha na produção de inúmeros itens (pistolas automáticas, metralhadoras, armas leves, morteiros, tanques e aviões de combate).<sup>321</sup> Segundo Overy (1997: 198-9), “a economia britânica, com dimensões mais reduzidas, ultrapassou [nessa data] a Alemanha e seu novo império europeu na produção de quase todas as classes de armas”. Ao mesmo tempo, a Rússia em 1942, inclusive com parte relevante de seu território ocupado pelos nazistas, produziu mais aviões de combate (1,65 vez) que a Alemanha. Essa desproporção foi mais elevada ainda na produção de tanques (2,65) e na confecção de peças de

321. Ver Harrison (1998: 15-6) e Overy (1997: 331-2; 1999: 369-70; 2002: 29).

artilharia (10,58). Nesse ano, enquanto a economia soviética estava à beira do colapso, a produção de armamentos se expandia de modo alucinante. *A produção militar combinada da Inglaterra e da URSS, em 1942, já era, assim, claramente superior à da Alemanha.* Quando se leva em consideração que, no mesmo ano, a economia de guerra norte-americana já estava definitivamente implantada (e, mais ainda, com perspectivas elásticas de expansão), percebe-se que, desde o ponto de vista das condições materiais, o poder dos Aliados tornara-se incomparavelmente superior à força do Eixo. A melhoria da produtividade da indústria alemã de armamentos a partir de 1943 não seria suficiente para reverter esse quadro.

O mesmo se aplica, em menor escala, em relação ao número de combatentes: se em 1941 o Eixo tinha uma leve vantagem em relação aos Aliados (12,9 milhões contra 12,1 milhões de homens em armas), a partir de 1942 a relação se inclinou claramente em favor dos Aliados, com uma superioridade que saltou de 4,3 milhões de homens no referido ano para 8,6 milhões em 1943 e 13,8 milhões em 1944 (Tabela 10.2). Se, para os Aliados, "a quantidade era essencial", a força combinada dos homens e armas dos EUA, da URSS e da Inglaterra tornara-se irresistível.<sup>322</sup> A qualidade dos recursos militares do Eixo apenas procrastinou sua derrota: "foi a qualidade, e não a quantidade, dos recursos militares dos alemães e japoneses que prorrogou sua derrota por tanto tempo" (Harrison, 1998: 26-7).

Isso não significa que a guerra foi vencida pelos Aliados unicamente em virtude do tamanho combinado de seu PIB. São muitos os exemplos na história de nações que se tornaram vitoriosas em guerras contra inimigos economicamente mais fortes. A Segunda Guerra Mundial poderia ter revelado um curso distinto caso a URSS ou a Inglaterra tivessem sucumbido. De modo algum esta era uma possibilidade absurda: os nazistas bateram às portas de Moscou, e a invasão da Inglaterra foi frustrada não só pela coragem e determinação de luta dos ingleses, mas também porque a *Luftwaffe*

322. De acordo com Harrison (1998: 10-1), "de 1942 em diante, a relação se moveu continuamente em favor dos Aliados. Em primeiro lugar, a economia norte-americana, de longe a mais importante em termos do PIB, foi lançada em uma mobilização quantitativa profunda; em 1944, o PIB dos EUA era quase o dobro do nível de 1938. Em segundo lugar, a economia soviética, embora duramente atingida pela invasão em 1941, e com dificuldades ainda maiores em 1942, se estabilizou e foi mobilizada para a expansão subsequente do produto. Em terceiro lugar, a Itália foi excluída da coalizão do Eixo em 1943. Em quarto lugar, o PIB da França ocupada caiu sistematicamente ano após ano. Em quinto lugar, no final de 1944, as economias da Alemanha e do Japão estavam em situação crítica. Assim, em 1942 e 1943, a correlação econômica dos grandes poderes se inclinou fortemente na direção dos Aliados, antes mesmo do colapso econômico da Alemanha e do Japão (...)."

não detinha ainda a tecnologia do radar, então à disposição da RAF. O cálculo de Hitler, a partir de então, foi o de que a rápida conquista da URSS precipitaria a rendição da Inglaterra. Tratava-se de um plano, sem dúvida, ousado, mas de modo algum impossível de ser executado. O que, em retrospecto, se torna claro é que, ao não ter conseguido desferir, até 1942, o golpe mortal contra os dois países, Hitler ficou à mercê de uma combinação de forças cada vez mais poderosa em termos econômicos, militares, tecnológicos e humanos. Já no caso do Japão, a perspectiva de que seria possível derrotar os norte-americanos no Pacífico baseou-se no suposto falso de que os EUA não levariam a guerra às últimas consequências.

A guerra, de outra parte, produziu *efeitos assimétricos e diferenciados* sobre a economia das nações. Antes de qualquer consideração, cabe destacar os estímulos extremamente positivos que se projetaram sobre a economia norte-americana. A partir da segunda metade de 1941, os vestígios da Grande Depressão foram sendo rapidamente apagados. Em 1940, apesar dos ingentes esforços de Roosevelt, ainda havia nos EUA mais de oito milhões de desempregados, correspondendo a 14,6% da força de trabalho. Em 1944, os desempregados não eram mais de 670 mil (Mitchell, 1993: 110). Ao longo da guerra (que, formalmente, para os EUA, se iniciou em dezembro de 1941), ano após ano, o país assistiu a uma expansão econômica fulminante. Como se observa a partir dos dados apresentados na Tabela 10.1, entre 1939 e 1945, o PIB real dos EUA *creceu* cerca de 70%. No mesmo período, a soma do PIB dos principais países envolvidos no conflito mundial caiu 13%. Em 1938, o PIB dos EUA representava *um pouco mais da metade* da soma do PIB dos referidos países; em 1945, ele *já havia ultrapassado* essa soma. Ao final da guerra, a superioridade econômica, financeira, política, tecnológica e militar dos EUA tornara-se incontestável.

Segundo Coutinho (1980: 31), a participação americana na produção mundial capitalista, que antes da guerra era ligeiramente inferior a 40%, chegou, em 1945, a quase 65%! Em 1947, a terça parte das exportações mundiais era proveniente dos EUA. Em sua avaliação, "o grande efeito da guerra (...) foi o de aprofundar imensamente a assimetria preexistente, tornando os EUA o gigante superpoderoso da esfera capitalista". Milward (1986: 384), na mesma linha, observa que "o resultado militar e econômico da guerra deixou um país, os Estados Unidos, em uma situação contundentemente dominante". No aporte de créditos aos Aliados (notadamente à Inglaterra e à URSS), no fornecimento de alimentos, navios, tanques, aviões, armas e munições, nas lutas diretas contra o Japão no Pacífico e

no comando das operações na frente ocidental (sob a liderança do General Eisenhower), a participação material e militar dos EUA na Segunda Guerra foi absolutamente decisiva. De outra parte, sem ter o seu território ocupado — nem sequer, na verdade, ameaçado —, a guerra produziu estímulos generalizados sobre a economia dos EUA, com reflexos diretos na agricultura, na indústria e no processo de inovação tecnológica. O proclamado “arsenal da democracia” do Presidente Roosevelt converteu-se, na verdade, em uma máquina vigorosa de crescimento, sob a tutela, a orientação e o financiamento do Estado, em estreita sintonia e colaboração com as grandes corporações privadas. A constituição do chamado “complexo industrial-militar” — que se incorporou definitivamente à dinâmica da economia norte-americana — e os primeiros passos da revolução da informática e da indústria eletroeletrônica, remontam exatamente aos investimentos colossais em produção e pesquisa realizados nos EUA a partir das demandas criadas no âmbito da Segunda Grande Guerra.

TABELA 10.1

PAÍSES SELECIONADOS: EVOLUÇÃO DO PIB (1938-45)  
[EM BILHÕES DE DÓLARES DE 1990]

	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
EUA	800	869	943	1.094	1.235	1.399	1.499	1.474
Inglaterra	284	287	316	344	353	361	346	331
URSS*	359	366	417	359	318	464	495	396
França	186	199	82	130	116	110	93	101
Alemanha	351	384	387	412	417	426	437	310
Japão	169	184	192	196	197	194	189	144
Itália	141	151	147	144	145	137	117	92
Total sem EUA	1.490	1.571	1.541	1.585	1.546	1.692	1.677	1.374
Peso EUA	53,69%	55,32%	61,19%	69,02%	79,88%	82,68%	89,39%	107,28%

Fonte: Harrison (1998: 10). Peso EUA = EUA / Total sem EUA.  
(\* Os dados de 1943-4 devem ser vistos com reservas. Ver adiante nota 352.

Nos demais países, a situação era outra. A URSS e o Japão sofreram as perdas econômicas mais pesadas. A destruição de ativos físicos em decorrência da guerra alcançou, em ambos os casos, uma proporção equivalente a um quarto do estoque existente antes do início das hostilidades. Na URSS, como se verificou posteriormente, os danos sofridos se projetaram de modo inapelável no tempo: “a vitória soviética só foi obtida pagando

por ela um preço extremamente elevado. De todos os vencedores da Segunda Guerra Mundial, e na verdade de todos os países participantes, tanto vencedores como vencidos, a URSS foi a única a sofrer danos econômicos permanentes. As perdas em pessoas e recursos foram enormes e far-se-iam sentir durante décadas” (Judt, 2005: 204). Não sem razão, Harrison (1998: 268) refere-se à URSS como o “*defeated victor*”. Os sacrifícios humanos e materiais sofridos pela URSS, aliás, em grande medida explicam a posterior “militarização” da vida soviética, bem como dimensões relevantes de sua política externa no pós-guerra, notadamente sua postura marcadamente defensiva. Terminado o conflito, os soviéticos passaram a concentrar seus esforços no desenvolvimento e expansão da indústria militar e na preservação de seu *cordon sanitaire* no Leste Europeu. O fato de a expansão da economia ter se dado a taxas elevadas nos anos 1950 não deve obscurecer o fardo negativo que a guerra impôs ao país: a URSS continuou a investir desproporcionalmente em seu “complexo industrial-militar”, em detrimento da modernização e diferenciação de sua estrutura produtiva. A fraca *performance* de sua agricultura, as limitações de sua indústria de bens de consumo, o déficit crônico de habitações e a precariedade das condições de vida da população foram traços permanentes do desenvolvimento soviético no pós-guerra.

Já na Alemanha e, sobretudo, na Itália, a destruição dos ativos foi sensivelmente inferior à que se verificou no Japão. Os três países, entretanto, tinham suas economias arrasadas pela guerra em 1945-46, o mesmo podendo se afirmar da França. Em 1946, o PIB da Alemanha era 55% inferior ao de 1939, enquanto no Japão, na Itália e na França a contração observada do PIB foi de 45%, 26% e 23%, respectivamente. A Inglaterra, que não sofreu grandes perdas materiais durante a guerra, dava, de sua parte, sinais de exaustão com reduções progressivas do produto desde 1944.

É verdade que a reconstrução das economias assoladas pela guerra abria inúmeras oportunidades de investimento, notadamente nas áreas de habitações, transportes, comunicações, produção agrícola, produção de bens de consumo e reposição de equipamentos. De fato, a reparação dos danos materiais se deu com uma rapidez razoável na Europa Ocidental. A reparação dos danos sofridos, contudo, era apenas uma necessidade vital e imediata. Era fundamental remover os escombros, reconstruir as estradas, reerguer as habitações, restabelecer as comunicações, regularizar a oferta de alimentos, reequipar as plantas industriais danificadas e repor a disponibilidade de bens de consumo essenciais. Em maior ou menor grau, os

países foram bem-sucedidos nessas tarefas emergenciais ao longo de 1945-46. No início de 1947, contudo, nada autorizava a perspectiva de que a Europa Ocidental ou o Japão estivessem no limiar de uma trajetória de expansão continuada.<sup>323</sup>

A questão crucial referia-se à *insuficiência de recursos externos*: havia uma *fome generalizada por importações*, agravada, ademais, pelos rigores do inverno europeu de 1946-47. O que se necessitava, acima de tudo, era de dólares para adquirir os produtos norte-americanos. Sem os dólares norte-americanos era impossível que as nações fora da órbita de influência da URSS pudessem financiar as importações (em grande medida provenientes dos próprios EUA) indispensáveis ao reerguimento de suas economias. Em 1947, por exemplo, 65% das importações inglesas de máquinas eram originárias dos EUA: “a situação era similar em outros países europeus. (...) [Para] pagar os produtos e matérias-primas americanos eram necessários dólares. Os europeus não tinham nada para vender ao resto do mundo, [e] sem moeda forte não podiam comprar produtos alimentares para evitar a fome de milhões de pessoas, nem podiam importar as matérias-primas nem a maquinaria necessárias para prosseguir com sua própria produção. A crise de dólares era grave” (Judt, 2005:116). O mesmo valia para o Japão.

Assim, a Segunda Guerra ao levar as economias da Europa e do Japão a um estado de colapso ou prostração, colocou os destinos de tais países nas mãos dos EUA. Apenas através do suporte norte-americano e do acesso aos produtos da gigantesca máquina de produção dos EUA é que as economias da Inglaterra, Alemanha, França, Itália e Japão poderiam se reerguer de maneira sustentada. O Plano Marshall foi a resposta positiva do Departamento de Estado dos EUA aos desafios econômicos do pós-guerra: sem os recursos norte-americanos os países europeus certamente teriam ingressado em uma zona de turbulência econômica, com resultados políticos imprevisíveis. Se foi possível, em retrospecto, observar que “aqueles que perderam a guerra ganharam a paz” (numa referência às altíssimas taxas de cresci-

323. “O ano de 1947 revelar-se-ia fundamental, a chave de que dependia o destino do continente. Até então, os europeus tinham-se consumido em reparações e reconstruções ou estiveram ocupados a criar a infraestrutura institucional para a recuperação a longo prazo. Nos primeiros dezoito meses após a vitória aliada, o estado de espírito do continente passou do alívio com a mera perspectiva da paz e de um novo começo, para uma resignação permanente e uma crescente desilusão face à magnitude das tarefas que ainda era necessário realizar. No início de 1947, parecia evidente que as decisões mais difíceis ainda não tinham sido tomadas e que não podiam ser adiadas por mais tempo” (Judt, 2005: 114).

mento alcançadas pela Alemanha Ocidental, Japão e Itália no pós-guerra), é essencial destacar que tal resultado apenas se tornou possível graças ao apoio e à “hegemonia benigna” praticada pelos EUA.

É certo que os norte-americanos agiram em consonância com seus interesses políticos maiores e em sintonia com os cálculos econômicos de suas grandes corporações. É certo, também, que a marcha dos acontecimentos traria novos problemas mais à frente. Mas a questão central é que, sem a decisiva participação norte-americana, a vigorosa recuperação da Europa e do Japão dos anos 1950 teria se tornado impossível. Ao contrário do que se assistiu na saída do primeiro conflito mundial, após 1945 os EUA abandonaram definitivamente sua postura isolacionista e se afirmaram como o *hegemon* do mundo capitalista. Não por acaso, a arquitetura institucional do pós-guerra (Bretton Woods, FMI, GATT, OTAN etc.) foi moldada a partir de suas considerações estratégicas.

Ao romper com uma tradição de séculos, a Segunda Guerra sancionou o fim do eurocentrismo. A bipolaridade da Guerra Fria passou a ser o marco de referência das relações internacionais, o que significa que a trajetória dos países capitalistas passou a depender, fundamentalmente, da articulação política e econômica que lograssem estabelecer com os EUA.

#### AS ECONOMIAS NACIONAIS DURANTE A GUERRA

Previsivelmente, a guerra resultou — para todos os países envolvidos — no crescimento dos contingentes das forças armadas e na elevação das despesas militares em proporção à renda nacional. Os números podem ser observados nas Tabelas 10.2 e 10.3.

Alguns fatos chamam a atenção na tabela acima. Em primeiro lugar, quando da ocupação nazista em 1940, o contingente das forças armadas da França era superior ao da Alemanha, o que não impediu a rápida rendição do país. Da mesma forma, em 1941, o contingente da URSS era equivalente ao da Alemanha, o que se demonstrou insuficiente para deter a fulminante investida dos nazistas. Nos dois casos tornou-se patente a superioridade militar alemã em termos estratégicos, através do sucesso da *Blitzkrieg*. A partir de 1942, como já observado, o contingente das forças armadas dos Aliados tornou-se nítida e crescentemente superior ao do Eixo, graças à maciça mobilização dos soviéticos (sobretudo em 1942) e dos norte-americanos (sobretudo em 1943). O caso do Japão também merece destaque:

entre 1943 e 1945 o país mais que dobrou seus contingentes militares. Em termos relativos às respectivas populações totais, a Alemanha entre 1941-1945 e a Inglaterra entre 1943 e 1945 (assim como a França em 1939-40 e o Japão em 1945), exibiram níveis de mobilização superiores a 10%, o que significa uma proporção extremamente elevada. O mesmo, seguramente, ocorreu na URSS, quando de sua população total se desconta a parcela que ficou retida (ou eliminada) nos territórios sob ocupação alemã.

TABELA 10.2  
FORÇAS ARMADAS DOS GRANDES PODERES (1939-45) [MILHARES]  
E POPULAÇÃO (1938) [MILHÕES]

	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	População
EUA	-	-	1.620	3.970	9.020	11.410	11.430	130,5
Inglaterra	480	2.273	3.383	4.091	4.761	4.967	5.090	47,5
França	5.000	7.000	-	-	-	-	-	42,0
URSS	-	5.000	7.100	11.340	11.858	12.225	12.100	167,0
Total Aliados	5.480	14.273	12.103	19.401	25.639	28.602	28.620	387,0
Alemanha	4.522	5.762	7.309	8.410	9.480	9.420	7.830	68,6
Itália	1.740	2.340	3.227	3.810	3.815	-	-	43,4
Japão	-	1.630	2.420	2.840	3.700	5.380	7.730	71,9
Total Eixo	6.262	9.732	12.956	15.060	16.995	14.800	15.560	183,9

Fonte: Harrison (1998: 3; 7; 14).

TABELA 10.3  
PAÍSES SELECIONADOS: DESPESAS MILITARES EM % À RENDA NACIONAL  
(1939-44)

	1939	1940	1941	1942	1943	1944
EUA	1	2	11	31	42	42
Inglaterra	15	44	53	52	55	53
URSS	-	17	28	61	61	53
Alemanha	23	40	52	64	70	-
Itália	8	12	23	22	21	-
Japão	22	22	27	33	43	76

Fonte: Harrison (1998: 21). Overy (2002: 312) apresenta estimativas equivalentes para a Inglaterra e mais elevadas para a Alemanha, sobretudo em 1939-40. Ver Tabela 10.4.

Em todos os países, as despesas militares tornaram-se o componente de gasto preponderante na formação da renda nacional. A grande exceção foi a Itália que, em virtude das limitações ao acesso de matérias-primas, revelou-se incapaz de implantar uma efetiva economia de guerra. Na verdade, como se verá mais adiante, a Itália, ao longo do conflito, transformou-se em provedora líquida de recursos para a Alemanha. As despesas militares, em termos proporcionais à renda, foram especialmente elevadas na Alemanha a partir de 1942 (não se dispõe dos dados de 1944), o mesmo ocorrendo em relação à URSS. No Japão, em 1944, a economia praticamente se reduzia à guerra, com consequências dramáticas sobre as condições de vida da população.

É conveniente, neste momento, atentar com mais detalhe para a especificidade das trajetórias nacionais.

#### ALEMANHA

No que se refere à Alemanha, Overy (2002: 30-1) identifica três momentos particulares: a) o período inicial, de setembro de 1939 ao verão de 1941 (do início da guerra à invasão da URSS); b) a fase que se estende do verão de 1941 ao verão de 1944, quando se intensificaram os bombardeios aliados; c) o momento final, do verão de 1944 à rendição alemã em agosto de 1945.<sup>324</sup> Essa periodização é distinta da estabelecida por Wagenführ, que serviu de base às conclusões do *U.S. Strategic Bombing Survey*, para quem a economia de guerra alemã teria passado por dois estágios distintos: a) o primeiro, de setembro de 1939 a janeiro de 1942, quando o consumo civil teria se mantido em níveis satisfatórios e a produção militar em níveis relativamente baixos (a “*Blitzkrieg phase of the economy*” ou “*the peace-like economy in war*”); b) o segundo, de 1942 a 1945, que corresponderia à conversão da economia para as finalidades da guerra, com progressivos sacrifícios impostos ao consumo civil.

Segundo a interpretação do *U.S. Strategic Bombing Survey* (endossada por Nicholas Kaldor, Burton Klein, Alan Milward, entre outros), a mobilização econômica empreendida por Hitler entre 1939 e 1941 teria sido apenas parcial. As razões para tanto se encontrariam na confiança de Hitler quanto à eficácia da *Blitzkrieg* e nos cuidados políticos em impor sacrifícios desmesurados e desnecessários à população alemã. O quadro desenhado seria,

324. Ver, também, Abelsbauser (1998: 151-8).

assim, o de uma guerra rápida além das fronteiras nacionais, e de uma vida normal (“*business as usual*”) no interior do país. Para Kaldor, “a Alemanha não fez esforços sérios para explorar plenamente seu potencial (...). [Não] há evidências de sacrifícios implacáveis impostos à sua população em busca da vitória”. Para Klein, a estratégia da *Blitzkrieg* “não envolveu a utilização extensiva dos recursos [e permitiu] uma próspera economia civil”. Milward, da mesma forma, observa que a estratégia da *Blitzkrieg* representava “um sistema de conduzir a guerra sem reduzir os padrões do consumo civil” (Overy: 2002, 260). O fraco desempenho da Alemanha na produção de armamentos até 1942, ademais, representaria a prova concreta de uma mobilização não empreendida em profundidade. Apenas em um segundo momento, prossegue o argumento, com os percalços na ocupação da URSS, é que Hitler teria ordenado a utilização extensiva e intensiva de todos os recursos materiais e humanos disponíveis, quer na Alemanha ou nos territórios ocupados.

De fato, a produção de bens de consumo caiu após 1941 e a produção de armamentos cresceu significativamente a partir de 1942. Esses resultados, entretanto, não autorizam a conclusão do *Survey* de um “*two-stage war effort*”. A análise minuciosa dos gastos em consumo, das vendas no varejo, das despesas militares, da tributação, da poupança, da estrutura ocupacional da indústria, da participação feminina no mercado de trabalho e da produção de armamentos empreendida por Overy (2002: 259-314) aponta para conclusões diametralmente opostas. Mesmo antes de 1939 a preocupação permanente dos nazistas foi a de limitar o crescimento do consumo, mantendo-o em níveis aceitáveis, em prol do desenvolvimento dos setores de base vinculados, direta ou indiretamente, à produção bélica. O lançamento do II Plano Quadrienal de Göring, em setembro de 1936, tendo como meta a progressiva autossuficiência da Alemanha em produtos estratégicos, se inscreveu exatamente nessa perspectiva. Com a eclosão do conflito mundial, a primeira providência dos nazistas foi a de contrair o poder de compra do conjunto da população, através do aumento da carga tributária, do racionamento do consumo de bens não essenciais, do encorajamento à poupança, da restrição ao acesso de matérias-primas por parte dos setores não vinculados ao esforço de guerra e do controle rigoroso de preços e salários. Em consequência, o consumo real *per capita* caiu 25% entre 1939 e 1942 (entre 1942 e 1944 sua queda foi de apenas 7%) [Tabela 10.4]. Ao mesmo tempo, as despesas militares, em termos nominais, cresceram 320% entre 1938 e 1941 (entre 1941 e 1943 seu crescimento

foi de 58%) (Abelshauser, 1998: 158). Como, em 1939, a economia alemã já estava próxima ao pleno emprego, o recrutamento de trabalhadores para as Forças Armadas redundou na incorporação crescente das mulheres ao esforço produtivo do país [Tabela 10.4]. O fato de a produção de bens de consumo ter declinado de maneira mais acentuada a partir de 1942 (Abelshauser, 1998: 125) pouco importa, já que parcela crescente dessa produção, desde o início da guerra, foi direcionada para as demandas das Forças Armadas (Overy, 2002: 288-91).<sup>325</sup> Entre 1939 e 1940 e 1941 e 1942, o conteúdo calórico da ração consumida por um trabalhador alemão caiu 20% (Abelshauser, 1998: 155), resultado dificilmente compatível com a ideia de uma “*peace-like economy in war*”.

TABELA 10.4

ALEMANHA E INGLATERRA: INDICADORES SELECIONADOS  
DO ESFORÇO DE GUERRA (1939-44)

	1939	1940	1941	1942	1943	1944
Consumo <i>per capita</i> (1938 = 100)						
Alemanha	95,0	88,4	81,9	75,3	75,3	70,0
Inglaterra	97,2	89,7	87,1	86,6	85,5	88,2
Demandas militares e emprego industrial (%)*						
Alemanha	21,9	50,2	54,5	56,1	61,0	-
Inglaterra	18,6	-	50,9	-	-	-
Participação feminina na força de trabalho (%)						
Alemanha	37,3	41,4	42,6	46,0	48,8	51,0
Inglaterra	26,4	29,8	33,2	34,8	36,4	36,2
Despesas militares e renda nacional (%)						
Alemanha	32,2	48,8	56,0	65,6	71,3	-
Inglaterra	15,0	43,0	52,0	52,0	55,0	54,0

\* Emprego industrial decorrente das demandas militares (participação no total do emprego industrial)  
Fonte: Overy (2002: 312).

A verdade é que a economia alemã já estava plenamente mobilizada para a guerra em 1939. A mobilização prosseguiu após a vitória sobre a França

325. “Em 1941, entre 40% e 50% da produção de bens de consumo não alimentares se direcionou para as Forças Armadas” (Overy, 1992: 28). “No final de 1940, a maior parte dos ramos de consumo já destinava entre 40% e 50% de sua produção aos militares, deixando muito pouco para a população civil” (Abelshauser, 1998: 152).

e continuou após a invasão da Rússia. O avanço e os impasses do conflito redundaram em um apetite voraz por braços, alimentos, matérias-primas e produtos industriais, que em escala crescente, conforme já se observou, foram obtidos junto aos territórios ocupados.

Em nenhum momento, ao longo do conflito, as condições de vida na Alemanha revelaram características próximas à normalidade: toda a população foi mobilizada para o esforço de guerra, o que redundou em níveis pessoais de consumo declinantes e em condições de trabalho extremamente rígidas. O contraponto com a Inglaterra [Tabela 10.4] revela a intensidade do esforço de guerra alemão desde 1939. As conclusões de Overy (2002: 311), quanto à precariedade do diagnóstico do *U.S. Strategic Bombing Survey*, são enfáticas:

*Não há dúvida de que o quadro convencional do esforço de guerra da Alemanha precisa ser redesenhado. A "fase Blitzkrieg da economia" é uma ilusão (...). Não houve nenhum ponto de inflexão relevante no esforço de guerra alemão no inverno de 1941-42, ou posteriormente em 1943. Os maiores aumentos na tributação vieram entre 1939 e 1941. O crescimento mais acelerado das despesas militares se deu nesses mesmos anos. A queda no consumo pessoal e na produção civil também foi mais acentuada em 1939-41 do que em qualquer outro momento na guerra, e a mobilização e redistribuição da força de trabalho foram realizadas muito antes da primavera de 1942, e não depois.*

Resta considerar a questão da produção de armamentos. Como se observa na Tabela X.1, para todos os países envolvidos no conflito, a produção de armamentos se expandiu de modo acentuado (quando não excepcional!) entre 1942 e 1944. A Alemanha não fugiu à regra: em 1944 ela mais que triplicou a produção de aviões em relação a 1941, mais que quadruplicou a produção de tanques e mais que quintuplicou a produção de peças de artilharia. Praticamente, em todos os países, o pico da produção de armamentos se deu no biênio 1943-44, sobretudo no último ano. Foi este, também, o caso da Alemanha, à exceção da produção de submarinos. Convém salientar que, já em 1940, a Inglaterra produziu mais aviões e navios que a Alemanha (embora menos tanques e peças de artilharia). Em 1941, a Inglaterra e a URSS combinadas ultrapassaram a Alemanha na produção de todos os armamen-

tos. A partir de 1942, com a entrada em cena da produção norte-americana e os extraordinários avanços na produção soviética, a relação material se inclinou nitidamente em favor dos Aliados. A partir de então, tornou-se clara a massacrante superioridade dos EUA na produção de aviões e navios e da URSS na produção de peças de artilharia, enquanto a produção conjunta de tanques dos dois países ultrapassou em larga medida a produção alemã.

O fato é que, mesmo permanecendo aquém da URSS na produção de aviões, tanques e peças de artilharia em 1944, a Alemanha alcançou uma expansão expressiva da produção de armamentos a partir de 1942. Foi esse fenômeno que induziu vários analistas a considerarem que somente a partir de então teria se implantado na Alemanha uma efetiva economia de guerra. O que se deve ter presente, contudo, é que os avanços conseguidos pela Alemanha resultaram de uma combinação de fatores *no interior de uma economia já nitidamente direcionada para a guerra desde o início da conflagração*. O *turning point* foi a indicação de Albert Speer para o Ministério de Armamentos em fevereiro de 1942.

Entre 1936 e 1939, como resultado das diretrizes do II Plano Quadrienal, a Alemanha expandiu a produção de inúmeros insumos estratégicos (minério de ferro, alumínio, fibras sintéticas, gasolina para aviação etc.). Entretanto, os avanços alcançados eram ainda insuficientes para suportar uma guerra de maior duração. Hitler e a elite militar alemã tinham consciência que a cadeia industrial da produção bélica não estava ainda concluída quando da invasão da Polônia. Não só no que se referia às matérias-primas, mas também na produção de armamentos, havia ainda um período razoável de tempo a ser percorrido, até que a Alemanha pudesse dispor de uma base industrial sólida e robusta o suficiente para enfrentar sem constrangimentos materiais uma guerra de maiores proporções. Os cálculos de Hitler, inclusive, apontavam para meados dos anos 1940 como o momento mais apropriado para que a Alemanha se envolvesse em um conflito mais amplo, sem sofrer os percalços que se observaram no transcurso da Primeira Guerra, quando a falta de uma preparação adequada (quer para resistir a um bloqueio econômico, quer para proporcionar uma oferta adequada de alimentos, quer para financiar o esforço de guerra) comprometeu seriamente a capacidade de luta do país. É certo que inúmeras restrições foram relaxadas com as conquistas (França, Holanda, Bélgica, Noruega etc.), mas a própria incorporação dos territórios ocupados à economia de guerra alemã não era um processo automático, e sim uma tarefa complexa, que exigia tempo, cuidados e organização.

O fato é que, quando da eclosão do conflito, em setembro de 1939, a economia alemã — apesar de nitidamente direcionada — não estava ainda plenamente preparada para a guerra: “os grandes projetos de capital, produção de petróleo, química e reaparelhamento da malha ferroviária, ainda não estavam concluídos; os planos para as armas, particularmente os programas de rearmamento aéreo e naval, ainda não tinham sido realizados. (...) [A] economia alemã, nos primeiros anos da guerra, ainda estava comprometida com altos níveis de despesas militares ‘indiretas’, [concentrada] na conclusão dos onerosos projetos intensivos em capital, tanto na Alemanha como nas áreas capturadas” (Overy, 2002: 25; 29).<sup>326</sup> A eclosão prematura (na perspectiva de Hitler) da guerra na Europa redundou, assim, em debilidades estruturais que tiveram de ser corrigidas ao longo da própria conflagração. Some-se a isso duas características específicas da produção bélica alemã até 1942: a intromissão caótica nas decisões de produção e a prevalência de processos de produção sofisticados em detrimento da standardização. Segundo Overy (1997: 201), “não havia uma linha direta de comando entre o Führer e a fábrica”: um sem-número de militares, ministros e funcionários do Partido se interpunham entre as decisões de Hitler e os empresários incumbidos de levar adiante a produção. O resultado foi uma organização ineficiente e burocratizada, com os militares se imiscuindo no *design*, na especificação dos produtos, na escala e na inspeção do processo de produção, o que afetou de maneira óbvia a produtividade da indústria bélica. Se as armas alemãs eram de alta precisão e qualidade, elas eram, contudo, poucas. Em particular, observou-se uma proliferação de modelos, com dificuldades evidentes em se alcançar a indispensável produção em massa de armamentos: “ao invés de um núcleo de desenhos testados, produzidos em linhas standardizadas, as forças alemãs desenvolveram uma caótica gama de projetos. (...) Com tamanha variedade, era difícil produzir em massa” (Overy, 1997: 201). Em consequência, entre 1939 e 1941, a produção de armamentos da Alemanha situou-se muito aquém das potencialidades produtivas do país, da produção combinada dos Aliados e das próprias demandas exercidas pelos militares.

326. Ver Overy (1992: 196-200; 1995: 200). Na mesma linha, Abelshauser (1998: 154) observa que “em setembro, de 1939, a economia de guerra alemã estava se desenvolvendo a plena velocidade, mas o processo não estava completo — a indústria alemã não estava ainda preparada para a guerra. Projetos gigantescos (...) não tinham sido concluídos. Eles absorviam amplas quantidades de capital e trabalho sem contribuir, até aquele momento, para a produção corrente de armamentos. (...) Temporariamente, a oferta de armas crescia muito mais lentamente que a oferta de recursos para produzi-las”.

Quando Hitler convocou Speer para o Ministério de Armamentos, estabeleceu-se, por fim, uma linha única de comando, que redundou na redução da influência dos militares e do aparato comandado por Göring sobre os processos produtivos (Overy, 1992: 355). As determinações de Speer e da equipe de engenheiros e industriais por ele comandada foram explícitas: racionalizar a produção através da standardização dos armamentos, da simplificação dos desenhos, da introdução de técnicas de produção de massa, da revisão dos contratos, da difusão da automação, da concentração da produção nas empresas mais eficientes e do controle sobre o uso das matérias-primas: “um resultado significativo foi alcançado em três anos. Em 1944, o número de armas havia sido reduzido a alguns poucos modelos escolhidos; 42 projetos de aviões converteram-se em cinco; 151 carros de combate deram lugar a 23; uma dúzia de armas antitanques foi substituída por apenas uma; e assim por diante, em todo um extenso rol de armamentos alemães” (Overy, 1997: 204). A produtividade dos trabalhadores da indústria de armamentos mais que dobrou entre 1941 e 1944, em nítido contraste com o que se observou nos demais setores da indústria (Abelshauser, 1998: 155).

Foi, assim, uma conjunção de fatores que redundou no aumento expressivo da produção de armamentos pela Alemanha a partir de 1942: a conclusão de alguns projetos básicos lançados no Plano Quadrienal, a utilização adequada dos recursos obtidos junto aos territórios capturados (notadamente, a França), a indicação de Speer e a consequente subordinação dos militares a suas decisões (com o respaldo do Führer), a racionalização e simplificação dos processos produtivos com a opção explícita pela standardização e a articulação estreita com as grandes empresas — permitiram que uma economia voltada para a guerra antes mesmo do início da conflagração produzisse, enfim, seus principais frutos. Não se trata, convém insistir, de resultados que tenham sido obtidos, apenas, mediante a *transferência* de recursos de fins civis para fins militares: foi, acima de tudo, a maior eficiência no uso de recursos previamente alocados na indústria bélica que permitiu que a Alemanha desse um salto significativo na produção de armamentos.<sup>327</sup>

A partir de 1942, as características de uma “*war-like economy*”, já presentes na Alemanha desde 1939, tornaram-se, então, absolutamente nítidas.

327. “O grande sucesso de Speer em multiplicar a produção bélica até 1944 não resultou da conversão de mais recursos civis para o esforço de guerra, mas sim do uso mais racional dos recursos anteriormente convertidos” (Overy, 2002: 312). Ver, também, pp. 343-75.

Paralelamente à racionalização na produção de armamentos e ao aumento das despesas militares em proporção à renda, a produção agregada de bens de consumo (quer para fins civis ou militares) começou a cair. As longas e intensas jornadas de trabalho, o racionamento, a elevação do preço dos artigos de vestuário, a continuação da queda do consumo *per capita* e a redução do conteúdo calórico das rações revelavam condições de existência notoriamente difíceis para a população alemã. A utilização das mulheres no processo de produção se manteve em patamares elevados (cerca de 14 milhões desde 1939) e a fome de braços foi saciada através da utilização crescente de trabalhadores estrangeiros e de prisioneiros de guerra, submetidos a condições de trabalho degradantes. A força de trabalho "externa" na Alemanha saltou de 1,1 milhão em 1940, para 3 milhões em 1940, 4,1 milhões em 1942, 6,3 milhões em 1943 e mais de 7 milhões em 1944. Da mesma forma, a utilização dos recursos materiais dos territórios ocupados se deu em escala crescente: os "custos de ocupação" pagos à Alemanha representaram 7,6% do produto nacional bruto em 1941, 12,4% em 1942 e 17,5% em 1943-44. Do total dos recursos transferidos à Alemanha entre 1940 e 1944, 42% foram provenientes da França, 12% da Itália, 10% da Holanda, 7% da Bélgica e o restante dos demais países (Abelshauser, 1998: 143; 158; 161-2). A contribuição dos países da Europa do Leste foi bem menos expressiva.<sup>328</sup> Essa segunda fase da economia de guerra alemã foi, ao mesmo tempo, marcada por sucessivas derrotas no plano militar: entre setembro de 1942 e janeiro de 1943, as forças alemãs sucumbiram na batalha selvagem de Stalingrado; em julho de 1943, no maior confronto de tanques da história, os soviéticos saíram-se vitoriosos em Kursk; no mesmo mês, as forças aliadas desembarcaram no sul da Itália; no segundo semestre de 1943, teve início a contraofensiva soviética em direção à Ucrânia, Crimeia, Bielorrússia e Países Bálticos; em junho de 1944, os Aliados invadiram a Normandia. A partir de então, a Alemanha, esmagada entre duas frentes, iria ingressar em uma fase de progressiva desintegração.

A partir do verão de 1944, sobretudo com a intensificação dos bombardeios, as conquistas alcançadas no terreno da racionalização produtiva se viram seriamente comprometidas: "os bombardeios eram os inimigos da ra-

328. "Durante o período de guerra, as políticas de ocupação alemãs foram bem-sucedidas em extrair entre 30% e 40% da produção nacional na França, Holanda e Noruega (e uma proporção similar na região industrializada da Boêmia-Morávia a leste), mas obtiveram recursos a taxas muito mais reduzidas, ou até negligenciáveis, nos países agrários de baixa renda do Leste Europeu" (Harrison, 1998: 22).

cionalização" (Overy, 1997: 204). Foi necessário descentralizar e até mesmo regionalizar a produção, exaurir os estoques acumulados de partes, peças, componentes e matérias-primas, suprimir a produção de inúmeros itens, improvisar a criação de plantas subterrâneas, estabelecer controles draconianos sobre a força de trabalho e o processo produtivo (o que redundou na interferência cada vez maior da SS sobre a economia) e conviver com a escassez crescente de bens. A economia alemã foi circunscrita a um estado de sítio: "a economia se desintegrou lentamente neste estágio final, sob o peso dos bombardeios dirigidos contra a rede de transportes, as indústrias estratégicas e a produção de petróleo, além da perda gradual dos recursos europeus" (Overy, 2002: 31). As condições de vida inevitavelmente se agravaram e a Alemanha se tornou refém do medo que vinha dos céus, da ação impiedosa do aparato de repressão interno e do terror em face da aproximação das tropas soviéticas.

Os bombardeios, a ocupação aliada e a derrota transformaram a Alemanha em uma nação destrocada e empobrecida, com grande parte de sua infraestrutura de transportes comprometida, com cidades inteiras arrasadas, com milhões de habitações destruídas, com propriedades rurais devastadas e com uma escassez gritante de bens de consumo. Ademais, a divisão de seu território entre os Aliados (com Stalin reivindicando, a todo custo, seu quinhão na conquista) anunciava um quadro político complexo e sérias dificuldades materiais pela frente. Existe, entretanto, um fato essencial a ser considerado: os investimentos em insumos básicos realizados no âmbito do II Plano Quadrienal e nos setores da indústria associados à produção bélica resultaram na ampliação, modernização e rejuvenescimento das plantas industriais da Alemanha. Em 1945, mesmo com a destruição causada pela guerra, o estoque de capital fixo do país era 20% superior aos níveis anteriores à eclosão do conflito.<sup>329</sup> A expansão dos ramos industriais da maquinaria, veículos, ferro e aço, metais não ferrosos, metalurgia, engenharia leve, ótica, química e combustíveis se deu a taxas elevadas durante a guerra, de maneira que em 1945, graças aos investimentos aí realizados, mais de um terço da estrutura do capital fixo do país tinha uma idade inferior a cinco anos (Abelshauser, 1998: 166-7). Ademais, a experiência da

329. "[O] Plano Quadrienal (...) criou não apenas a infraestrutura industrial para o rearmamento, mas também a base para a rápida recuperação da economia da Alemanha Ocidental no pós-guerra. Apesar da considerável destruição após 1943, o extraordinário *boom* no investimento industrial [decorrente do Plano] determinou que, em 1945, o estoque de capital existente excedesse o nível anterior à guerra em um quinto" (Abelshauser, 1998: 146).